

NOEMI JAFFE

Írisz: as orquídeas

Romance



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Noemi Jaffe

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

As traduções do húngaro foram feitas por Paulo Schiller.
As traduções do italiano, por Maurício Santana Dias.

Capa e ilustrações do miolo
Tereza Bettinardi

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Angela das Neves
Huendel Viana

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jaffe, Noemi
Írisz : as orquídeas : Romance / Noemi Jaffe. — 1ª ed. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2589-0

1. Romance brasileiro I. Título.

15-02804

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Eu precisaria estar tonto ou ser mais parecido com ela para ficar escrevendo sobre o que não sei. Precisaria começar a chorar e não sei mais. A palavra que explica a falta que ela me faz está presa no dicionário e não sei tirá-la de lá, porque preciso de Írisz para me ensinar. Releio o que escrevo e já não sei mais se faz sentido. Talvez seja bonito, talvez eu tenha aprendido com ela a transformar em metáfora tudo o que vejo. Se for bonito, a beleza não é minha — é dela. Achei que indo muito longe, falando de um jeito tão diferente do meu, eu ficaria mais próximo de uma forma de pensar e de falar que vem da morte, mas que por isso mesmo está mais perto da vida. Ela não quer mais saber da dor, porque a conhece pelo nome, já conversou com ela. Minha perda é teórica, e deve ser por isso que minha fala é mais sombria. Eu fico aqui, com minha dor intelectual, tentando imitá-la e só o que consigo escrever são palavras mornas.

Agora que ela desapareceu, quis contar a história, que não entendo direito, desde o começo, porque achei que assim entenderia alguma coisa. Ou para ficar um pouco mais perto do jeito como ela veio parar na minha vida que, até sua chegada, era ordenada e calma. Mas então ela chegou trazendo a Hungria, a revolução derrotada, as palavras e um jeito tão desorganizado de fazer e pensar as coisas, que acabou me desequilibrando também. Agora estou sentindo tudo voltar ao normal e preciso daquelas palavras bagunçadas, dos trocadilhos errados, dos ditados em húngaro e em português, do sotaque forçado, das canções inventadas e das perguntas sem sentido para reaver uma desordem de que aprendi a gostar.

Ela veio para cá estudar as orquídeas, assunto que eu conheço mas que ela ignorava completamente. É como se o acaso, o azar e as circunstâncias tivessem preparado uma armadilha: uma pesquisa com flores, cuja descrição, em todos os relatórios que ela escrevia, era *flor epífita*. Desde a primeira vez, em lugar de fazer anotações estritamente científicas, ela começou a se dirigir a mim, a sua mãe, a Imre e a todo mundo e a fazer comparações entre ela e as orquídeas.

Ela e a orquídea são mesmo parecidas. Brotam no ar, no alto de outros seres fincados na terra — esse sim o lugar certo para crescer. Alimentam-se dos restos de outros seres espalhados por aí e, por isso, passam por parasitas.

Assim que ela soube que, em português, a característica principal da *epífita* é “raiz aérea”, reconheceu seu nome — Írisz — codificado entre as letras e decidiu que tudo tinha sido um truque do destino, coisa em que não acreditava mas que tinha certeza de que por isso mesmo a perseguia. Ela viajou metade do mundo, cruzou línguas geograficamente mais próximas, embora também distantes já que nenhuma se parece com o húngaro, para vir parar aqui, estudar as orquídeas e aprender a falar o português, outra língua-ilha, também próxima e afastada de todas.

Dizia que podia até ver as três irmãs fiandeiras — Cloto, Láquesis e Átropos — tramando sadicamente a emboscada feita exclusivamente para ela. Conseguia ouvir os diálogos:

— Está vendo aquela criatura ali, chamada Írisz, naquele país esquisito, onde acabamos de fazer o povo perder a revolução? Vamos mandá-la estudar orquídeas na Austrália? Não seria divertido?

— Isso mesmo.

— Mas não na Austrália, no Brasil.

Foi essa raiz aérea que a tirou de lá, de dentro de uma revolução fracassada, do laboratório onde ela estudava papoulas, e a trouxe até aqui; que fez com que ela encontrasse uma razão aparentemente justa para deixar sua mãe no sanatório, doente; abandonasse Imre, com o pretexto convincente de não saber se ele continuaria vivo no dia seguinte. Mas, por outro lado, também foi essa raiz aérea que a manteve aqui. No Brasil, além de estudar as orquídeas, ela achou que iria fazer brotar dos seus pés algum ramo que a manteria fixa em algum lugar. Dizia que seu desejo — mas não posso falar em desejo, porque tudo o que ela dizia desejar ela não fazia e tudo o que ela fazia contrariava o que dizia desejar — era uma raiz para baixo e para dentro e não para os lados, para fora e para cima.

As palavras que ela precisava usar para descrever as orquídeas, em todos os relatórios, eram: *rizoma reptante curto, longo ou simpódico*. Ficava revoltada, porque dizia que *rizoma, reptante e simpódico* querem dizer exatamente a mesma coisa: “tudo o que se espalha, se arrastando para os lados”. E tinha certeza de que essas palavras estavam ali para definir a ela e não às flores.

O rizoma cresce horizontalmente, arrastando-se na terra e no ar, se enraizando no nada, ao contrário das mulhe- res enraizadas na terra que, em Szeged, cantam as palavras que fazem brotar a flor da papoula. O ovo frito na frigidei- ra de ferro, com banha de porco, gema mole e clara dura, espalhado no pão, também tem raízes na terra. Sua mãe socando a pimenta enraizou-se no solo duzentos anos atrás. Os gritos de “Viva Nagy” e “Queremos liberdade!” na rua Váci, em 1956, mesmo se espalhando no vácuo enquanto avançavam, sem forma nem limite, estavam firmados na terra, furando o cimento e atingindo os mortos enterrados ali desde a época de Estêvão I.

O rizoma não. Ele não se firma nem afunda, cresce para os lados e ninguém sabe onde ou quando vão brotar outras flores e raízes. Rizomas como ela, a língua húngara e as orquí- deas — que ela veio estudar para se alegrar e se punir — pre- cisam que lhes cortem as raízes para brotarem de novo. Sol- tos na natureza, eles crescem desorganizados, misturando-se a tudo o que passa, que é sua forma excêntrica de brotar. E, mesmo sem raízes, de um desses rizomas nasce a flor mais bonita da Terra. Como o rizoma da orquídea, também as raízes de Írisz não se firmavam nem cresciam para baixo.

Ela me contava sobre sua infância, a adolescência, a vida na escola, com a mãe, com Imre, às vezes de forma explícita e escandalosa e outras em silêncio. Contou que seu apelido, quando ela era menina, era Não Mexe, porque, exatamente como fazia aqui no Jardim Botânico, mexia em tudo o que via. Era assim que os tios e os primos a chama- vam, já que sua mãe não se permitiria um apelido carinhoso. Ela saía correndo para todos os lados e quase destruía as

coisas, de tanta curiosidade. Queria ver o outro lado de tudo, o lado de trás e as emendas, sempre reconhecer alguma singularidade, algo que escapasse do normal, como se buscasse o lado humano dos objetos. Na casa da tia Ada, muito mais rica, ela se admirou com a quantidade de almofadas. Criou uma montanha com elas, subiu no alto do beliche, trepou no topo e caiu. Tinha certeza de que suas duas hérnias lombares eram herança dessa queda. De vez em quando tinha crises, mas lidava com as dores de jeitos muito diferentes: ou estoicamente e em silêncio, ou histérica e outras vezes comedida e realista, tomando remédios ou fazendo exercícios. Não era possível prever suas reações, que, justamente porque pareciam ir para um lado, iam exatamente para o outro. Como se ela estivesse apostando comigo o fato de que eu nunca conseguiria adivinhar seus pensamentos.

Quando era criança, sumia, fugia, liderava movimentos, mas, se a aceitavam como líder, se escondia, queria ser inferior. Implorava pela amizade das meninas, mas, quando elas consentiam, voltava atrás. Ia aos acampamentos da escola e voltava acompanhada da polícia, porque tinha fugido. Se tirava boas notas, fazia de tudo para ser reprovada, porque dizia que boas notas são só uma prova de obediência e passividade. Mas, se tirava notas ruins, provocava os professores e dizia que faria com que eles se rendessem a ela. Desafiava a polícia, os parentes, os namorados, os professores e pedia perdão com a mesma facilidade com que buscava brigas. Engordava e emagrecia de acordo com o humor, oscilante e aparentemente sem causa. Entristecia por nada; não gostava que sua tristeza tivesse explicação. Queria uma tristeza espontânea, ou mais elegante ou mais esquisita, contanto que não fosse dramática. E com a alegria era a mesma coisa, próxima da euforia, mas também

gratuita e generosa, esperando adesão urgente, precisando compartilhar com todos suas descobertas, seu prazer, querendo que todos sentissem junto com ela a intensidade das coisas. Punha-se em condições de risco, à frente dos colegas, que se escondiam, com medo de serem pegos colando em provas ou sabotando os professores.

As plantas reptantes rastejam, emitindo brotos perto do solo ou do hospedeiro, formando um tapete de raízes. Talvez para ela eu tenha sido só mais um hospedeiro, mas não importa, porque as orquídeas, embora sejam conhecidas assim, não são parasitas — os parasitas prejudicam os hospedeiros e as orquídeas usam apenas sobras. Chamam de parasitas as pessoas que gostam de restos, como os mendigos, os aposentados e os diletantes. Aprendi com Írisz que todos eles mais ajudam do que atrapalham. Só que não produzem e nos lembram que fabricamos mais restos do que o necessário.

Írisz também rasteja, porque passa distraidamente pelo tempo do relógio. Seu tempo pertence a outra ordem, nem do trabalho nem da rotina. Ela vem e volta do Jardim em horas improváveis. Chega mais cedo e sai mais tarde. Fica, quando todos vão. Some para outros lados e estuda outras flores, tentando aprender com elas a cuidar melhor das orquídeas, porque diz que não há nada melhor para aprender uma coisa do que estudar as outras. Aprende português como pesquisa as orquídeas e aparece falando palavras inesperadas para quem está apenas em fase de aprendizado, como, por exemplo, *nenhures*. Depois quer usar essas palavras para pegar um táxi ou pedir um lanche. Não quer aprender a

contar até dez; quer saber o ordinal de 1451. Das orquídeas, que mal existem na Hungria, quer conhecer os nomes, adivinhar a idade, fazê-las durar mais. Nada que possa ser útil em Budapeste. E, mesmo assim, faz as orquídeas brotarem com cores mais vibrantes, como se respondessem às suas perguntas. Ela pergunta, por exemplo: “Se a palavra *orquídea* vem do latim, *Orchideae*, e significa ‘testículo’, por que, em português, ela é feminina? Como elas rastejam no ar? Você já viu uma orquídea se masturbando?”.

Fala da mãe — que chama de *anya* —, da Hungria, da revolução, dos soviéticos e de Imre por senhas, entre as frases, como quem não quer falar. Não sei se o que ela sente é culpa, medo ou raiva. Provavelmente os três e outras coisas como amor e saudade, palavras que ela não fala, porque acha feias, piegas e que não querem dizer nada. Diz isso sobre praticamente todas as palavras abstratas e prefere usar comparações concretas para tudo. Em vez de *amor*, fala que as pessoas deveriam dizer, por exemplo: “Quer um leite?” e, em vez de *saudade*, “aquela coisa que quando a gente fica triste não sabe o que é por isso”.

No meio dos relatórios, aparecem frases assim: “Dona Eszter teria uma dessas na cozinha”; “Dona Eszter cozinhando o *csúsztatott palacsinta*”; “Essa semente lembra a papoula”; “Imre iria adorar essa aqui”; “Imre, se você morreu, daria para você me avisar, agora que deve estar livre? Ou você não me avisa justamente porque está morto?”. Junta anotações científicas e obrigatórias a propostas de misturas para o cultivo de flores mais bonitas e duradouras, sem prejudicar as

espécies naturais. Pensa em possibilidades de comercialização das orquídeas pelos mercados, nas pessoas cuidando das flores em casa, plantando orquídeas nas árvores da cidade. Prefere as orquídeas mais raras, como a *Dendrobium kingianum*, a orquídea negra, as sapatinhos-de-dama. A *Beallara Tahoma* tem uma pinta roxa isolada na frente que coincide simetricamente com outra idêntica, também isolada, na parte de trás, como um espelho. Como se a flor representasse a condição de Írisz no mundo.

A última coisa que fizemos juntos — antes de ela deixar pela metade o estudo de três orquídeas, de comprar uma bateadeira nova, que queria fazia tanto tempo e que eu ajudei a pagar, de ter escrito onze versos de um poema que mistura o húngaro e o português, de não ter escrito nenhuma carta, de ter deixado as roupas penduradas no guarda-roupa e dois livros sobre o criado-mudo (*Histórias de xadrez* e *Receitas culinárias Royal*) — foi a tradução de uma expressão do húngaro para o português: “*Ez nem az en asztalom*”. Disse que, no conjunto, o significado é: “Não é do meu gosto”. Mas que, separadamente, as palavras dizem: “esta”, “não”, “a”, “minha”, “mesa”. Por que “esta não a minha mesa” se traduziria por “Não é do meu gosto”, em português? Fizemos várias tentativas: “Esta mesa não é minha”; “Minha não é esta mesa”; “Esta minha não é mesa”. Ela brincava: quando eu pedia um relatório urgente, dizia: “Minha esta não é mesa”. Se eu peço café, responde, em português: “Esta não a minha mesa”.

Mas então ela desapareceu e eu fiquei com esse ditado na mão, na gaveta, no orquidário, na garrafa térmica, nos olhos e na ausência que ela marcou com o dedo sujo de chocolate no último relatório.